



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANA RAQUEL DE FREITAS ALEIXO

**A INFLUÊNCIA DO TRABALHO HOME OFFICE NO DESENVOLVIMENTO DA
SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I
DO MUNICÍPIO DE BODOCÓ/PE**

Juazeiro do Norte
2021

ANA RAQUEL DE FREITAS ALEIXO

**A INFLUÊNCIA DO TRABALHO HOME OFFICE NO DESENVOLVIMENTO DA
SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I
DO MUNICÍPIO DE BODOCÓ/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Esp. Silvia Moraes de Santana Ferreira

Juazeiro do Norte
2021

ANA RAQUEL DE FREITAS ALEIXO

**A INFLUÊNCIA DO TRABALHO HOME OFFICE NO DESENVOLVIMENTO DA
SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I
DO MUNICÍPIO DE BODOCÓ/PE**

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Esp. Silvia Moraes de Santana Ferreira

Aprovado em: 06/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Silvia Moraes de Santana Ferreira
Orientadora

Prof. Me. Ítalo Emanuel Pinheiro de Lima
Avaliador

Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque
Avaliador

AGRADECIMENTOS

A Deus maestro que rege todo o universo pelo dom da vida e por ser sempre a base e sustento durante toda essa árdua jornada.

Aos meus Pais, Irmãos e Familiares, pelo suporte, por estarem sempre ao meu lado, pela força e por todo incentivo na caminhada.

Aos Mestres que me oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

Obrigada aos meus amigos, companheiros de trabalho e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com certeza.

E a todos que direto ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

“[...] Lembre-se da sua decisão como uma segunda
Raquel: não perca de vista seu ponto de partida,
consERVE o que você tem, faça o que está fazendo
e não o deixe [...]”.

(Santa Clara de Assis)

A INFLUÊNCIA DO TRABALHO HOME OFFICE NO DESENVOLVIMENTO DA SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL I DO MUNICÍPIO DE BODOCÓ/PE

Ana Raquel de Freitas Aleixo¹
Silvia Moraes de Santana²

RESUMO

A classe de professores é uma das mais afetada pela Síndrome de Burnout e esgotamento mental, uma vez que não se trata apenas de um grupo homogêneo e específico devido as diferentes especializações e contextos sociais nos quais estão inseridos, entende-se que atual contexto de trabalho está expondo a classe de profissionais a fatores estressantes e exaustivos podendo desencadear nos mesmos a Síndrome de Burnout e até mesmo levá-los a uma depressão profunda. O objetivo da pesquisa foi identificar a influência que o trabalho home Office tem exercido durante a pandemia da COVID-19 no desenvolvimento da Síndrome de Burnout em professores do ensino fundamental I da rede municipal da cidade de Bodocó/PE. Realizou-se um estudo de campo, de caráter descritivo a partir de uma entrevista semiestruturada e aplicação de um questionário sociodemográfico e o MBI-ED, respondido pela escala de Likert, tendo como abordagem quantitativa e qualitativa. Após a análise e interpretação dos dados, constatou-se na amostra investigada níveis moderados de Burnout nos professores como impacto do ensino remoto devido à pandemia.

Palavras-chave: Burnout. Professores. Trabalho. Home Office. Pandemia.

ABSTRACT

The class of teachers is one of the most affected by the Burnout and mental exhaustion Syndrome, since it is not just a homogeneous and specific group due to the different specializations and social contexts in which they are inserted, it is understood that the current work context it is exposing the class of professionals to stressful and exhausting factors and may trigger Burnout Syndrome in them and even lead them to a deep depression. The objective of the research was to identify the influence that home office work has had during the COVID-19 pandemic on the development of Burnout Syndrome in teachers of elementary school I in the municipal network of the city of Bodocó / PE. A descriptive field study was carried out based on a semi-structured interview and the application of a sociodemographic questionnaire and the MBI-ED, answered by the Likert scale, with a quantitative and qualitative approach. After analyzing and interpreting the data, it was found in the sample investigated moderate levels of Burnout in teachers as an impact of remote teaching due to the pandemic.

Keywords: Burnout. Teachers. Work. Home Office. Pandemic.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: anafreitaspsy@gmail.com.br

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: silviamorais@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A realidade enfrentada pela maioria dos educadores em seu cotidiano trata-se de um desafio constante de superação profissional e também como ser humano, uma vez que se deparam com limitações que muitas vezes os imobilizam, os frustram, afetando diretamente o emocional, a qualidade na oferta do ensino e a sua própria valorização. Assim, muitas vezes, o trabalho torna-se desgastante e o prazer no mesmo dá lugar ao esgotamento físico e/ou emocional (SILVA et al., 2018).

Contudo, além dessa triste realidade, os educadores nesse último ano passaram a contar como um desafio ainda maior: ensinar em meio à pandemia sem muitos recursos além de lidarem com seus temores pessoais frente a essa problemática. Os profissionais tiveram que se reinventar, reorganizar seus horários, reaprenderem o modo de fazer educação, dedicar-se horas ao domínio de novas tecnologias e, portanto, a novas formas de planejar, o que ocasionou visivelmente em muitos a sobrecarga de maneira difícil de manobrar (SOUZA et al., 2021).

Agora se trata de família e trabalho no mesmo espaço. A condução da utilização digital passou a consumir o tempo e a vida de milhões de professores, tornando-os ainda mais frágeis emocionalmente para administrar tantas coisas de uma só vez e de forma tão repentina. Desta forma, tornou-se comum ainda mais as queixas de docentes sobre o esgotamento que tem enfrentado nos últimos meses diante dessa nova realidade enfrentada.

Amorim (2020) relata que esse novo formato de trabalho remoto pode vir a acarretar inúmeros riscos para a saúde e o bem-estar desses trabalhadores, quando se leva em consideração uma maior jornada de trabalho, com horas extras não remuneradas; riscos ergonômicos; a interferência na vida pessoal e familiar; o isolamento; as insônias e estresses; bem como o aparecimento de sintomas de burnout.

A Síndrome de Burnout configura-se como uma resposta emocional às situações de estresse crônico devido às intensas relações de trabalho e ao acúmulo de fatores que levam ao esgotamento. A síndrome foi classificada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um fenômeno ocupacional e acomete com mais frequência alguns grupos profissionais, que atuam sob pressão e com grandes responsabilidades.

Diante disso, consolida-se a importância do presente trabalho pautado na compreensão da influência que o trabalho home Office tem exercido durante a pandemia da COVID-19 no desenvolvimento da síndrome de burnout em professores do ensino fundamental I da rede municipal da cidade de Bodocó/PE. A pesquisa apresenta uma

considerável reflexão acerca da atual situação vivida por estes profissionais, auxiliando assim no embasamento de futuras investigações e elaboração de estratégias de intervenção efetivas a fim de contribuir para o avanço do conhecimento no que tange ao problema desta síndrome, bem como sua relevância para esta classe.

2 SÍNDROME DE BURNOUT

A expressão Burnout vem da língua inglesa - Burn (queimar) out (por inteiro) – que significa, em outras palavras, a sensação de estar sendo incendiado por fogo. O termo nasceu na década de setenta nos Estados Unidos, utilizado inicialmente pelo psicólogo Herbert Freudenberger. Andrade e Cardoso (2012) definem a Síndrome de Burnout como o conjunto de sinais e sintomas psicológicos que surgem quando o trabalhador não se adapta a um ambiente de trabalho com carga tensional elevada e muito estressante.

A descrição da Síndrome de Burnout mais aceita atualmente é a fundamentada na pesquisa de Maslach (1981) que apresenta três dimensões: exaustão emocional que pode ser descrita como a sensação de esgotamento, sem energia e recursos emocionais. Ferreira (2018) diz que a exaustão emocional é um dos principais componentes do esgotamento, podendo ter manifestações físicas e psicológicas. Despersonalização caracteriza-se pelas atitudes sarcásticas e distanciamento em relação às pessoas, chegando a culpar os usuários pelas suas próprias frustrações diante do trabalho (MASLACH, 1981). Mendonça e Bezerra (2016) trazem que esta dimensão faz referência à redução da capacidade de identificar o outro como pessoa e que é provocada por situações em que este manifeste atitudes negativas repetidamente relacionadas às fontes de estresses interpessoais. A baixa realização pessoal leva o trabalhador a perder a confiança, a sentir-se incompetente tendo a forte presença de uma autoimagem negativa. Aquela motivação e sonhos idealizados no início da carreira profissional, vão sendo distanciados dando lugar aos sentimentos de insatisfação pessoal e frustração (Benevides-Pereira, 2010).

Essa condição, também conhecida como a síndrome do esgotamento profissional, é resultante do acúmulo incessante de estresse no trabalho, sendo muito comum em profissionais que trabalham frequentemente sob pressão como professores, policiais, médicos, publicitários e enfermeiros (ASSIS, 2006). O estresse excessivo, as tensões e o esgotamento físico e emocional em relação ao trabalho vêm se tornando cada dia mais uma situação muito comum na vida dos profissionais provocando uma grande exaustão relacionada a esse ambiente de trabalho afetando praticamente todas as áreas de sua vida

(MASLACH; JACKSON; LEITER, 1996). A Burnout é o resultado do estresse crônico, que desencadeia inúmeras consequências como o esgotamento físico e psicológico, sentimentos de despersonalização e frieza em relação aos demais, sentimentos de inadequação às tarefas que desenvolve baixa autoestima, insatisfação com o trabalho, problemas de relacionamento interpessoal, entre outras características. (SILVA, 2010)

Assim, podemos compreender o quanto o Burnout atrapalha a vida destes profissionais, desencadeando inúmeras implicações que prejudicam sua saúde e conseqüentemente o seu desenvolvimento. De acordo com Assis (2006), os trabalhadores acometidos pela síndrome comumente apresentam insônia, fadiga, irritabilidade, angústia, desinteresse, apatia, desgosto, tremores e agitação; sendo desta forma caracterizada como uma síndrome depressiva ou de ansiedade. Garcia e Pereira (2003) trazem que o Burnout traz um sentimento de fracasso, cansaço e desgosto, sendo consequência do desgaste de muita energia, gerando um grande esgotamento, desilusão e perda de interesse pelo trabalho.

2.1 SÍNDROME DE BURNOUT EM PROFESSORES

A vida profissional é permeada por inúmeros desafios, mas também por muitos prazeres. Muitas vezes a carreira docente está relacionada a muitas atribuições resultantes do excesso de trabalho, de grandes responsabilidades e da competitividade. Alves (2017) relata que esses profissionais constantemente passam por situações de estresse no seu local de trabalho, além de possuírem um envolvimento emocional contínuo e de grande intensidade. Em sua grande maioria, são trabalhadores que têm uma jornada dupla de trabalho e com inúmeras responsabilidades.

Isso tudo pode causar sérias consequências na saúde, como por exemplo, a síndrome de Burnout nos professores. Segundo Diehl e Carlotto (2014) a qualidade de vida destes profissionais é comprometida quando estes se deparam com uma carga muito grande de trabalho, que não se pode realizar e com poucos retornos. É importante também destacar que a vida social destes trabalhadores é afetada, pois o tempo passa a ser ocupado de um modo que a realização das tarefas começa a ultrapassar os limites do meio profissional, invadindo assim o espaço pessoal e eliminando o equilíbrio com o lazer.

O professor emana de si muita energia nessa relação de aluno-professor e, na maioria das vezes, mesmo estando sempre disposto, este percebe o quanto seu trabalho não recebe o devido valor. Assim, como em um mecanismo de defesa, ele acaba optando de forma inconsciente por não manter um relacionamento afetivo com o seu ambiente de trabalho,

passando a prejudicar não só o seu profissional, mas também a aprendizagem de seus alunos e o desenvolvimento e envolvimento com a instituição como um todo (FERREIRA; SANTOS; RIGOLON, 2014).

Gasparini et al. (2005) trazem que a vida pessoal, assim como a familiar e social, acabam sendo afetadas, pois estes professores começam a sentir a necessidade de aproveitar as noites, feriados e até finais de semana para conseguirem preparar suas aulas, elaborar e corrigir provas e trabalhos. Assim, o professor começa a se sentir frustrado por não conseguir alcançar bons resultados em nenhuma das áreas de sua vida e passa a manifestar sentimentos de tristeza, reações agressivas e deprimentes que afetam diretamente sua saúde.

Esses profissionais começam a se dedicar cada vez mais ao trabalho e passam a viver apenas em função dele, tornando cada vez mais delicada a qualidade de vida. De acordo com Mello et al. (2015), a síndrome de Burnout em professores atinge diretamente o espaço educativo, interferindo na aquisição e construção dos objetivos didáticos, que conduz esses profissionais a um processo de alienação, desumanização e frieza, acarretando muitos problemas de saúde e o intuito de afastar-se da profissão. Com a saúde física e mental comprometidas, os educadores, passam a não conseguirem desenvolver bem o seu trabalho pois o ambiente torna-se um espaço aversivo.

O desenvolvimento da síndrome não acontece repentinamente, mas é algo que pouco a pouco vai se desenvolvendo ao longo do tempo resultante de fatores predominantes. De acordo com Mendonça e Bezerra (2016) devido às baixas gratificações salariais, os professores sentem a necessidade de ter mais de uma atividade laboral, gerando uma excessiva carga horária de trabalho, fazendo com que estes tenham um tempo reduzido para as atividades de lazer e até mesmo fazer curso de aperfeiçoamento profissional.

Esses profissionais vão sentindo-se deprimidos e irrealizados com seu desenvolvimento profissional e pessoal (CARLOTTO, 2002). O acúmulo de tarefas, cobranças excessivas, perfeccionismo e foco exclusivo no trabalho como fonte única de prazer levam ao esgotamento físico e mental. É como se o copo e a mente colocassem um ponto final. Este desgastante resultado causa um cansaço devastador e uma falta absoluta de energia. Toda sua reserva de energia está esgotada. No trabalho, a pessoa antes competente e atenciosa, liga o modo automático. No lugar da motivação surgem irritações, falta de concentração, desânimo, sensação de fracasso. Esses são indícios de uma doença cruel e de difícil diagnóstico que avança nos profissionais da saúde, nas empresas e escolas (CARLOTTO, 2002).

2.1.1 ENSINO REMOTO

Uma das medidas implantadas para combater o avanço e a contaminação da COVID-19, foi a adoção do ensino remoto emergencial. Diante de uma situação tão emergente de saúde pública e do atual cenário vivenciado pela educação causado por pandemia, as instituições de ensino tiveram que aderir a práticas de ensino remoto, onde a partir da portaria nº 343 de 17 de março de 2020, o MEC decretou a substituição temporária das aulas presenciais por aulas em meio digitais nesse período, para que desta maneira conseguissem atender os seus estudantes enquanto as escolas continuam fechadas e a população segue isolada por recomendação da OMS (Organização Mundial de Saúde).

As atividades realizadas nas aulas remotas nesse tempo de pandemia são mediadas por meio da tecnologia (ALVES, 2020), mas que tomam como norte os princípios da educação presencial. Aulas remotas buscam continuar garantindo um direito de aprendizagem e escolarização utilizando-se de recursos tecnológicos de forma virtual, tendo em vista a necessidade de distanciamento social (CUNHA et al., 2020).

Com as inúmeras mudanças que aconteceram na educação, muitos foram e são os questionamentos, desafios e medos enfrentados tanto pelos educadores como pelos alunos e familiares (AMORIM et al., 2020). Os Professores tiveram que se reinventar e trocar o formato tradicional, o contato com os alunos, colegas de trabalho, giz e pincel por um novo formato virtual, frio, distante dos alunos e totalmente diferente daquilo que já estavam acostumados.

Ferreira e Barbosa (2020) relatam que essa nova realidade virtual afetou e modificou a vida dos professores, pois estes não tinham uma formação específica para esse tipo de trabalho, não sabiam lidar com o novo e principalmente não estavam preparados nem se sentiam amparados para encarar esta nova realidade. Assim percebemos que esse período trouxe a tona muitas preocupações do contexto educacional que gerava inquietação há muito tempo como: a precariedade do trabalho, qualidade do ensino-aprendizagem, desenvolvimento de práticas pedagógicas centradas no estudante, resgatar a responsabilidade do discente sobre de aprendizagem e o envolvimento da família (MARTINS, 2020).

Tais implicações geram muita inquietação e sofrimento nos educadores, pois se no ensino presencial já existiam fatores que dificultavam o processo de ensino aprendizagem, agora distante dos alunos e frente a essa nova realidade, torna-se mais difícil e por vezes ilusório pensar em uma transformação significativa e necessária deste cenário. Os professores se sentem desestimulados por não terem um retorno do seu trabalho, o que antes poderia ser visto e mensurado de perto, hoje é muito difícil saber se o aluno está aprendendo, se

realmente é o aluno que está fazendo, até onde meu trabalho está gerando frutos (HACKENHAAR E GRANDI, 2020).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo, de caráter descritivo com abordagem quanti-quali. Quantitativa, uma vez que procura obter evidências de associações entre as variáveis independentes e dependentes, e qualitativa pois atua levando em consideração a captação, a clareza dos fenômenos sociais, o significado e a intenção que são atribuídas a esses fatores, pretendendo-se alcançar uma compreensão detalhada da realidade vivida pelos docentes do ensino fundamental.

A pesquisa foi realizada com professores do ensino fundamental I, de uma determinada escola da rede municipal de Bodocó/PE, que atuam há pelo menos 2 anos como docentes e que encontram-se realizando suas atividades no formato home office – aulas remotas. Foram excluídos os professores que estavam de férias ou licença (doença, maternidade e outras), os que não estavam trabalhando como docentes ou que estavam exercendo outras funções administrativas (diretor, coordenador, secretário) e docentes ao mesmo tempo. Foram utilizados para a coleta de dados dois instrumentos: questionário semiestruturado para entrevista que foi realizada de forma online - por meio de vídeo chamada – WhatsApp - abordando características demográficas (gênero, idade, paternidade e estado civil), profissionais (tempo de trabalho docente, formação, condições) e pessoais (lazer, família, relação entre trabalho e família). O Maslach Burnout Inventory (MBI-ED) foi usado para mensurar o nível de Burnout respondido por meio do formulário do Google. A metodologia utilizada para análise de dados foi à análise de conteúdos de Bardin. Na análise dos dados coletados pelo instrumento MBI foi realizada a somatória de cada dimensão conforme correção apresentada pelo próprio instrumento. Após a obtenção dos valores, estes foram comparados aos da referência, sendo relativos às três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e realização profissional, onde sua classificação ocorre em três níveis: baixo, médio e alto.

GROTT (2013) descreve o questionário de Maslach Burnout Inventory (MBI) como uma escala que nos dá a possibilidade de avaliar de que forma o sujeito vivencia seu trabalho, com base em três dimensões conceituais: exaustão emocional, formada por nove itens, nesta dimensão é notória a falta de entusiasmo, a sensação de esgotamento de energia, o trabalhador passa a perceber que não tem mais o mesmo vigor e animação para realizar seu trabalho, mas

sim tensão e frustração; despersonalização, composta por cinco itens de avaliação, é caracterizada pelos sentimentos de insensibilidade diante das situações apresentadas e dos problemas com seus alunos ou em sala de aula, tratando seus colegas e seu ambiente de trabalho de forma impessoal e distante; e por fim a diminuição da realização pessoal no trabalho, avaliada por oito itens, onde o profissional começa a fazer uma auto avaliação de forma negativa, sentindo-se insatisfeito com o seu trabalho e não se sentindo competente ou capaz de realizar com êxito suas atribuições profissionais.

O MBI foi criado por Christine Maslach para avaliar a Síndrome de Burnout, sendo traduzido e validado no Brasil por Benevides (2001). O instrumento possui muitas adaptações, dentre elas o MBI-HSS (Maslach Burnout Inventory – Human Services Survey) para profissionais da área da saúde, o MBI – GS (Maslach Burnout Inventory – General Survey) que pode ser empregado em todas as profissões indistintamente e o MBI-ES (Maslach Burnout Inventory – Educators Survey) para docentes, sendo igual ao MBI, tendo apenas a mudança do termo “cliente” por “aluno”, para se adequar melhor ao público específico. . Aqui utilizaremos o MBI-ED modelo utilizado por Dessbesell et al., (2017), que é composto por 22 itens, que apresentam a frequência das respostas, numa escala de pontuação tipo Likert, onde se utiliza 0 para “nunca”, 1 para “quase nunca”, 2 para “algumas vezes”, 3 para “regularmente”, 4 para “bastante vezes”, 5 para “quase sempre” e 6 para “sempre”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi realizada uma entrevista com questionário semi-estruturado, no qual participaram 5 professores da rede pública do Município de Bodocó, que estão realizando suas atividades de forma remota nesse período da pandemia. No quadro 01 pode-se verificar o perfil dos professores que foram entrevistados.

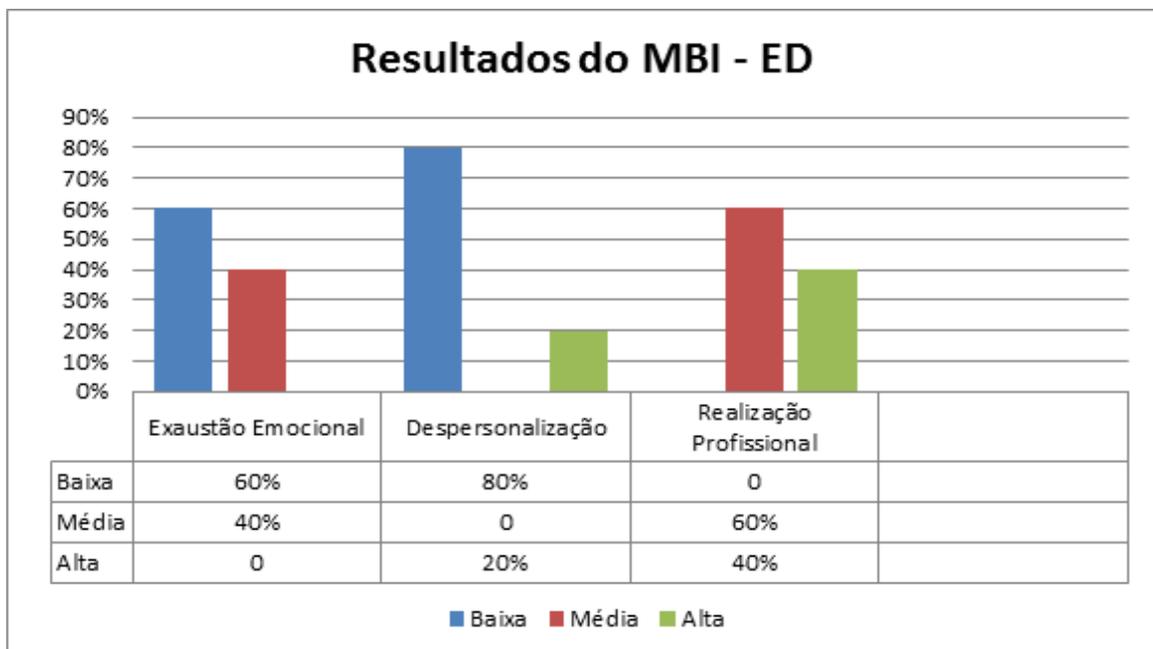
Quadro 01: Caracterização da população

| Professores | Sexo | Idade | Formação | Tempo de Trabalho |
|-------------|------|-------|-----------|-------------------|
| A | | 47 | Pedagogia | 20 anos |
| B | | 36 | Pedagogia | 8 anos |
| C | | 41 | Letras | 22 anos |
| D | | 44 | Pedagogia | 28 anos |
| E | | 41 | Pedagogia | 20 anos |

Fonte: Elaboração Própria

De acordo com o quadro apresentado percebemos que 40% dos Professores são homens e 60% mulheres, com idade de 36 e 47 anos, todos com nível superior completo, sendo que deles 80% tem formação em Pedagogia e 10% Letras. Os professores exercem seu trabalho em um período de 10 a 28 anos

Tabela 01: Resultado do MBI-ED



Fonte: Elaboração Própria

Constatou-se que 40% dos profissionais entrevistados, possuem nível médio de exaustão emocional e realização profissional e uma baixa despersonalização. 40% apresentaram baixa exaustão emocional e despersonalização e alta realização profissional. 20% baixa exaustão emocional, alta despersonalização e média realização profissional (Tabela 01).

AUMENTO DA CARGA HORÁRIA DE TRABALHO

Mediante a necessidade de uma nova modalidade de ensino devido à pandemia da Covid-19 enfrentada por todo o mundo, o ensino remoto passou a fazer parte do cotidiano escolar de forma a impor novas formas de fazer educação, cabendo aos educadores inovarem quanto as suas práticas, metodologias agregando o uso da tecnologia por muitos ainda desconhecido (SANTOS; MACEDO; COELHO, 2020). Percebeu-se nas entrevistas que as horas já dedicadas ao planejamento se tornam insuficientes, uma vez que as aulas online exigem dos profissionais um maior tempo de dedicação para a confecção de materiais lúdicos para melhor entendimento dos assuntos abordados já que as aulas tendem a ter um tempo mais reduzido na produção de vídeos além de produzir diferentes modelos de aulas e atividades para atender as diversas realidades encontradas.

“Eu tenho que preparar três a quatro tipos de aula de diversas formas. Por exemplo: tem família que não tem smartphone com memória para baixar um vídeo com alguma música sobre a aula do dia, então tenho que gravar o áudio e mandar a foto da atividade; outros tenho que imprimir a atividade e mandar as orientações para a família... Enfim é muito complicado, requer muito mais tempo, pra fazer, para criar todas as atividade.” (ENTREVISTADO E, 2021)

Além da gravação em si, exigir dos docentes um domínio maior da linguagem e uma sequência lógica de ideias as quais não “permitem erros” já que são registradas, impondo assim um certo rigor, o que traz para os mesmos uma responsabilidade maior de uma oferta de conteúdo “perfeito”, levando-os a passarem horas e horas em gravações e edições.

“Eu tive muito medo, foi horrível! Desafiador. Nossa muita coisa, foi muito difícil lidar com uma câmera, foi muito difícil falar. Você sabe falar com seus alunos, mas nessa situação é diferente, você está de frente com uma câmera, totalmente diferente. Eu gosto de foto, mas de vídeo assim eu nunca gostei, estou me adaptando. Começava a gravar uma aula, não dava certo, tentava novamente, não dava certo, sei que eu acabava me irritando, chorava, chorava, batia nas coisas... Dava um bloqueio em frente a câmera, você não está ali atuando, você está sendo você, porém você não sabe que tipo de retorno vai ter. Você sabe no fundo, no fundo que essas aulas remotas não vão ter aquele resultado que a gente espera. É difícil gravar e é difícil receber o retorno, muito não dão e os que dão a gente sabe que não foi a criança. Agora estou tentando me acostumar, mas ainda não é fácil. Mas eu ainda prefiro o presencial, que infelizmente não podemos.” (ENTREVISTADO D, 2021)

É possível perceber o quanto essa mudança de local e forma de trabalho afetou e sobrecarregou os educadores, causando muito mais estresse, cansaço, medo e insegurança. A mudança de ensino também acarretou na forma de avaliação, é comum os professores se queixarem dos novos métodos impostos desgastantes, como o preenchimento constante de

fichas de acompanhamento individual e coletivo, relatórios, reuniões constantes pedagógicas e administrativa para relatos de casos, entre outras ações que acabam sobrecarregando o dia-a-dia do professor (SILVA, REINALDO, 2020).

“Eu tinha um horário fixo para tudo, hoje não tem nada fixo. Posto a aula pela manhã e as vezes só vou receber esse retorno a tarde ou a noite e as vezes ate de madrugada. é muito complicado, muito complicado mesmo. Aquela questão de que você tinha um horário de entrar e de sair da escola, você sabia o que estava fazendo, os pais não retornam, isso chega a ser angustiante, muito angustiante. (Entrevistado B, 2021)

“Muitos deixam para entregar na ultima hora, nosso trabalho é burocrático, tem planilha para preencher e tem um tempo para enviar, ai chega aquele monte de foto para você olhar, tentar entender e preencher novamente a planilha, é muito complicado, muito complicado mesmo. E você não poder ter controle sobre isso é muito horrível, muito horrível mesmo. Muito angustiante” (Entrevistado D, 2021)

Outra questão importante está na devolutiva dos estudantes com atividades e provas que quase sempre não são realizadas dentro dos prazos estabelecidos e nos horários que normalmente seria a aula, isso por diferentes motivos, entre eles a indisponibilidade de internet, mas também a falta de compromisso, o que afeta totalmente a rotina do educador que passa ao invés de 4 horas em aula, fica todo o dia, sem discriminação de horários recebendo mensagens e tendo que dar retorno. Vasconcelos e Araújo (2020) trazem que os professores estão tendo uma carga de trabalho maior que a realizada em sala de aula e isso acaba gerando muito estresse e pode comprometer seu desenvolvimento profissional.

Vasconcelos e Araújo (2020) colocam que os professores estão tendo uma carga de trabalho maior que a realizada em sala de aula e isso acaba gerando muito estresse e pode comprometer seu desenvolvimento profissional. Ferreira e Barbosa (2020) ainda acrescentam e concordam com os autores que neste período de atividades remotas, os educadores passaram a vivenciar situações muito mais estressantes por se depararem com uma realidade muito diferente da que estavam acostumados, levar o ambiente de trabalho para seu ambiente familiar, lidar com tecnologias aos quais não estavam acostumados, terem que se reinventar em meio a um caos, e as diversas transformações da sociedade.

Alguns profissionais trouxeram em sua fala o quanto à profissão muitas vezes trona-se estressante, onde estes relataram que apesar do trabalho em si já ter muitas situações que são exaustivas, neste período de aulas remotas o estresse e sobrecarga tornou-se ainda maior, pois estes devido a grande demanda estão com muitos trabalhos acumulados, não sabem lidar com a pandemia, os pais na maioria das vezes não colaboram nesse processo e cobram apenas dos

professores, fazendo com que estes se sintam cada vez mais estressados e conseqüentemente cansados.

“Só teve coisa ruim, estresse, o cansaço é pior, por incrível que pareça mesmo sendo de casa, o cansaço é pior, pois como eu tenho que está enviando conteúdo o tempo todo, eu tenho que ter retorno desse conteúdo, então corrigir é mais difícil o pessoal não tem horário para enviar a devolutiva. É tudo mais complicado que na sala de aula, às vezes foge do nosso controle.” (Entrevistado C, 2021)

“Cansaço, desmotivação. Muitas vezes a gente segue aquela frase: Eu finjo que ensino e você finge que aprende. É desmotivador, você não sabe se a criança está aprendendo do outro lado, as vezes é os pais que fazem e não a criança. Como vai ficar essa criança? Como vamos avaliar? A gente fica angustiado, torna-se angustiante.” (Entrevistado B, 2021).

Na pesquisa realizada pelo realizado pelo Instituto Península (2020) é possível perceber essa relação onde ele aponta que 79% dos professores que participaram da pesquisa relatam que após as aulas remotas sua rotina mudou muito ou totalmente, fazendo com que estes tenham menos tempo para o lazer, onde estes percebiam a existência de sentimentos de ansiedade, tédio, cansaço, sobrecarga e estresse. De acordo com Hypolito, Vieira e Pizzi (2009), a intensificação do trabalho vivida pelos docentes pode ser brevemente explicitado com um processo que minimiza o tempo para descanso, lazer, onde pressupõe falta de tempo para atualização e requalificação profissional, potencializando desta forma a sobrecarga de trabalho.

CONCILIAÇÃO DO TRABALHO HOME OFFICE E O CONVÍVIO FAMILIAR

Com tantas mudanças geradas no âmbito profissional ocasionado em razão de medidas protetivas contra o covid-19, o trabalho Home Office tornou-se um dos maiores desafios enfrentados por diferentes trabalhadores de diferentes áreas, especialmente a classe de professores, tendo em vista um aumento expressivo em sua carga horária para assim garantir da melhor forma possível a oferta de ensino a todos, tendo inclusive se adequar aos horários próprios aos educandos, excedendo assim quase sempre o seu horário normal de atividade (MARQUES, 2021).

Desta forma, após o professor tornar parte de sua casa o seu local de trabalho, e sem poder muitas vezes estabelecer um horário exclusivo para isso, como o que era comum a sua rotina, o seu tempo para a sua família passou a ficar cada vez mais reduzido. É comum em meio as suas atividades domésticas ou em momentos em família, o seu celular tocar com

mensagens dos seus alunos com atividades ou com áudios pedindo mais explicações sobre os conteúdos, e se vendo na obrigação em atender, o mesmo deixa o que está fazendo e retoma o trabalho, com isso está tornando-se um empecilho familiar, é difícil agora o educador separar em sua rotina: trabalho e família, já que ambos ocupam o mesmo espaço e dividem o mesmo tempo (SOUZA et al., 2021).

“Como trabalho em duas cidades, eu tenho pouquíssimo tempo com minha família. Às vezes é um pouco difícil acompanhar a rotina dos filhos mesmo estando em casa.” (Entrevistado A, 2021)

Na fala dos docentes foi possível perceber o quanto essa mudança afetou a rotina, a forma como estes organizam sua aula, carga horária e o quanto esse novo modelo se torna limitante. Amorim et al., (2020) Santos, Macedo e Coelho (2020) e Rosa (2020) trazem em seus estudos o quanto as mudanças dessa nova estrutura educacional, vem afetando de forma significativa a vida e a rotina de muitos educadores, pois além do grande desafio de usar as tecnologias muitas vezes sem ter o domínio da mesma, muitos precisam lidar com uma rotina familiar, tendo em vista que agora o trabalho é exercido dentro do ambiente residencial, não os permitindo em alguns casos delimitar o espaço de cada um.

Bernardo, Maia e Bridi (2020) relata que nesse período de pandemia o trabalho foi levado para o ambiente doméstico, tornando-se difícil de separar muitas vezes a vida familiar da laborativa, atrapalhando em alguns casos o desenvolvimento produtivo de ambas. Como a demanda de trabalho aumentou, pois não se tem horas para receber atividades, não se tem um retorno produtivo e qualitativo do desempenho dos alunos, causa frustração nesses profissionais, pois estes como estão sobrecarregados com muito trabalho, acabam não conseguindo participar da rotina familiar, perdendo momentos em família e o lazer.

“Não se tem uma rotina como antes, por exemplo eu chegava em casa a tarde ficava com minha família, e a noite preparava minha aula para o dia seguinte. Hoje não tem mais isso, eu deixo de sair de casa, porque estou respondendo os pais, estou corrigindo atividade e não consigo dar tanta atenção aos meus familiares porque não tenho um horário, tem que gravar aula, editar vídeo, postar, corrigir e parece que tudo atrapalha.” (Entrevistado B, 2021)

“Às vezes me preocupo que isso possa estar atrapalhando, por não estar tão próxima de meus filhos e futuramente venha a ser uma dificuldade depois desse novo normal.” (Entrevistado E, 2021)

“Muitas vezes tenho que diminuir um pouco mais o tempo de lazer até mesmo dentro de casa com minha família, para atender um pai, um aluno, mas tento não deixar a desejar.” (Entrevistado D, 2021)

Alves (2008) traz que gerenciar o tempo “livre” torna-se uma situação muito complicada para a maioria dos indivíduos, principalmente para aqueles que têm filhos e companheiro. Assim embora os docentes estejam presentes fisicamente mais próximos dos seus filhos, no caso dos que são pais, estão cada vez mais distantes, causando muita angústia e uma sensação de impotência, o que acarreta em uma carga emocional difícil de lidar e que acabará respingando em sua realização pessoal e no seu desenvolvimento profissional.

FRUSTRAÇÃO PROFISSIONAL E ESGOTAMENTO MENTAL

O exercício do ensino remoto e as dificuldades apresentadas por tal método, como o aumento do tempo de trabalho e a falta de participação dos alunos, tem trazido aos educadores um sentimento cada vez mais comum de frustração diante da produtividade profissional. Vasconcelos e Araújo (2020) trazem a discussão sobre essas mudanças bruscas que afetaram a vida dos docentes, corroborando com a fala trazida por todos os entrevistados, onde relatam às dificuldades e o quanto o ensino remoto continua afetando as suas vidas e consequentemente a sua rotina. Além dessas dificuldades citadas, também podemos trazer algo que foi identificado que é a falta de participação e devolutiva das atividades pelos discentes, que muitas vezes atrapalha a continuação dos conteúdos e o professor acaba sem ter feedback se aquele determinado conteúdo chegou até o seu aluno, como chegou e se ficou alguma coisa.

“[...] a devolutiva é pior ainda, você tem que tá cobrando, pedindo. Você faz um plano das atividades para aqueles 15 dias o pai não envia, você coloca na sua planilha aquela falta e depois o pai manda as atividades e muitas vezes vem todas acumuladas de uma só vez e você tem que retomar tudo aquilo novamente, corrigir, reorganizar a planilha. Requer muito mais tempo e muito mais atenção.” (Entrevistado E, 2021)

“O trabalho mudou bastante, na sala de aula conseguimos fazer uma estratégia para alcançar e acompanhar os alunos mais devagar e os mais avançados e agora nesse modelo EAD, para fazer uma tarefa para todos ficou mais complicado. Eu não tenho tanto domínio com a informática e sofro muito em elaborar as aulas, busco um vídeo, um conteúdo, uma forma de o aluno aprender, mas mesmo assim é muito falha essa questão da aula remota, no meu ponto de vista.” (Entrevistado A, 2021)

O que já era difícil, no caso de educar, tornou-se agora um ato ainda mais complicado com a pandemia. O distanciamento forçado e o ensino remoto têm limitado a prática pedagógica do professor, o que vem causando-lhes ainda mais preocupação com a educação, já que se sente o maior responsável por sua promoção. Assim, embora se disponha a reinventar-se e a dedicar-se cada vez mais, é comum não ver os objetivos estabelecidos

alcançados, sem contar que nem todos possuem domínio com as ferramentas disponíveis para o trabalho como computador, edição de vídeos e entre outros, o que acaba trazendo para si “o peso” de não conseguir, e isso tem causado uma pressão emocional na maioria dos docentes. Muitas vezes um das dificuldades e sofrimentos enfrentados pelos docentes é conseguir responder às necessidades individuais de cada aluno de sua turma, além de conseguir dominar os recursos tecnológicos, como computador, plataformas digitais e os diversos problemas de acesso à internet (EMANUELLI, 2011).

Uma aula a qual leva horas de preparação para a sua execução, conforme depoimento de docentes, quando é enviada, na maioria das vezes é vista apenas por metade da turma e muitos ainda não enviam a devolutiva. E como fica a aprendizagem? É a pergunta que permeia na mente dos mesmos e isso frustra, parece que todo trabalho esta sendo em vão, um dos entrevistados trouxe a seguinte fala:

“O ruim é quando acontece como no ano passado, quando tivemos que “aprovar” os alunos que não participaram se quer de uma aula. Claro que existem casos de alunos que não tem acesso à internet, que moram muito distante da escola, mas a gente sabe que na maioria dos casos é falta de interesse e compromisso, eu ouvi muitos alunos dizendo que não vão fazer a atividade porque vão passar do mesmo jeito. Ai a gente pensa e como fica todo o trabalho do educador? É realmente desmotivante.” (ENTREVISTADO A, 2021)

A insatisfação e frustração dos professores muitas vezes também estão ligadas a essa falta de relação/comunicação presencial entre professor/aluno. Conseguiu-se perceber um pouco desse sentimento de insatisfação nas falas desses docentes e com a resposta da MBI-ED onde 40% deles tiveram uma pontuação média no ponto exaustão emocional e relacionar com os sentimentos da categoria estresse podemos refletir sobre estes fatores que vem causando frustração e conseqüentemente elevando os níveis e as situações estresse de estresse.

É possível perceber que o trabalho remoto nesse momento de pandemia da COVID-19 vem sobrecarregando os educadores no sentido de mais trabalho, houve uma mudança significativa na rotina, nos horários e dias a serem trabalhados. Esse excesso de trabalho e a exposição contínua a essas situações que geram incapacidade e desconforto vão afetando a vida e a saúde dos trabalhadores, inicialmente de forma aparentemente imperceptível, mas que a longo prazo pode gerar problemas maiores.

“A profissão é estressante! Mas posso lhe garantir que o que é mais estressante é os pais! Recebemos uma cobrança imensa por parte deles em relação a aprendizagem dos filhos, mas a falta de colaboração por parte deles é maior ainda. Isso causa uma frustração, porque eles não se propõem a ajudar. Eu sei que muito tem suas dificuldades, pois alguns são criados por avós ou até mesmo pais que não sabem lidar com a tecnologia.” (Entrevistado D, 2021)

“Eu gostaria realmente de saber o impacto para a educação, para os alunos, um aluno que tem um pai professor, um irmão que sabe ler e ajudar ainda tem um ensino médio incompleto ainda vai, mas quem tem pais analfabetos ou que não tem acesso à internet como é que a gente faz?! Isso tira meu sono e realmente causa uma angústia e frustração.” (Entrevistado A, 2021)

A falta de parceria entre a família e a escola também é um fator que causa muito sofrimento aos professores, pois nesse novo formato a presença e participação dos pais se fazem ainda mais importantes para o desenvolvimento dos seus filhos. Barros e Menezes (2020) dizem que essa parceria entre a família e escola deve ser constante, tendo em vistas que estas têm o mesmo objetivo em comum, que é contribuir para o desenvolvimento de seus filhos e estudantes. É necessário que ambos possam caminhar juntos, tendo em vista que as mudanças afetaram não só o trabalho do professor, mas também o ambiente familiar e a falta de recursos tecnológicos que muitas vezes os pais não têm o tempo para acompanharem seus filhos e a falta de paciência com os seus filhos.

É importante perceber que a profissão é algo que os faz bem e que estes se encontram, podemos identificar facilmente essa afirmação quando relacionamos as falas, gestos e o resultado do inventário onde aponta uma realização profissional alta e média, porém com o novo modelo de trabalho, onde estes não conseguem mensurar até onde, como e se suas atividades/ações estão realmente chegando ao aluno, acabam se sentindo frustrado por não se ter um feedback do trabalho.

“[...] a gente acaba se estressando por não conseguir fazer algo melhor, por não da certo, ficar preocupado como o aluno vai receber aquela aula como ele vai responder, como vou avaliar, como eu posso reprovar um aluno que não participou se eu não sei a situação dele, passei muitas noites sem dormir preocupado sem saber como será esse novo amanhã, eu ainda hoje não consigo dormir pensando na verdade como é a eficácia dessas aulas remotas para o aluno, pois você não tem contato, você envia a atividade, mas não sei que o ajuda a fazer. Esse último ano me marcou bastante e às vezes eu sonho com isso. O resultado do trabalho dele lá fora é que não sabemos como será o futuro dessas crianças.” (Entrevistado A, 2021)

Além disso, quando falam sobre a aprendizagem dos alunos, relatam o quanto é amedrontador e frustrante pensar nesse futuro de incertezas. Muitos relataram que não dorme direito, passando noites em claro pensando em como estes alunos estão realizando suas atividades, se estão aprendendo alguma coisa, quem está os ajudando, será que tem alguém alfabetizado para ajudá-los. A incerteza do seu trabalho faz com que estes se sintam como se estivessem falhado com seu papel de educador.

Segundo os autores Barros e Menezes (2020), infelizmente nesse período muitas famílias vêm enfrentando inúmeras dificuldades para acompanhar as atividades e aulas de seus filhos, pois muitas vezes não sabem ler, ou não tem acesso a internet, ou possuem apenas

um aparelho simples para todos os filhos estudarem ou precisam trabalhar. Essas situações geram muita angustia nos pais, pois esses não podem acompanhar a educação dos filhos como desejavam se sentindo impotentes e incapazes (VASCONCELOS; ARAÚJO, 2020).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações apresentadas ao decorrer deste trabalho, é possível compreendermos a importância de se refletir a respeito das consequências geradas na vida dos educadores como um todo ao longo da pandemia com a implicação do ensino de modo a contemplar as suas necessidades e limitações.

É nítido que dentro deste atual cenário a educação trata-se de um dos setores mais atingidos mundialmente com o isolamento necessário frente às ações de combate ao contágio do novo coronavírus, com isso os seus profissionais em especial, os docentes vem adoecendo físico e mentalmente pela carga de responsabilidade imposta com a necessidade de adequação a novas formas de ensino a fim de garantir esta realidade, contribuindo no desenvolvimento de ações voltadas ao apoio, preservação do bem estar e o estabelecimento de uma mente saudável no ambiente profissional.

Este estudo foi direcionado a compreensão de como o trabalho home office tem influenciado o desenvolvimento da Síndrome de Burnout em professores, onde de acordo com os resultados encontrados, constatou-se na amostra investigada níveis moderados de Burnout nos professores como impacto do ensino remoto devido à pandemia.

É importante levar em consideração que a síndrome se desenvolve de forma lenta e gradual, assim os índices encontrados nesta pesquisa devem servir como sinais de alerta para saúde destes educadores. Desta forma, os dados aqui apresentados vêm confirmar que se fazem necessárias reflexões sobre as condições atuais que os docentes estão vivenciando e pensar em ações específicas voltadas para o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento e para a busca de alternativas que melhorem esse novo formato de trabalho já que não se tem uma previsão de conclusão.

REFERÊNCIAS

AMORIM, E. H.; SANTOS, S. R.; DANTAS, M; BATISTA, J. B.; NASCIMENTO, J. A. *O Trabalho Docente "Home Office" em Tempos de Covid-19 e a Síndrome De Burnout: Relato de Experiência*. João Pessoa, 2020 Edição especial COVID-19 Artigo. Revista: **TEMAS EM SAUDE**. Páginas 39 a 50.

ALVES, P. C. *Qualidade de Vida e Esgotamento Profissional do Professor Universitário*. UBERLÂNDIA 2017

ALVES, D. A. **Gestão, produção e experiência do tempo no teletrabalho**. 2008. Tese (Doutorado em Sociologia)- UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Interfaces Científicas*, Aracaju, v. 8, nº 3, p. 348-365, 2020.

ANDRADE, P. S.; CARDOSO, T. A. O. *Prazer e Dor na Docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout*. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v.21, n.1, p.129-140, 2012.

ASSIS, F. B. **Síndrome de Burnout: Um Estudo Qualitativo Sobre o Trabalho Docente e as Possibilidades de adoecimento de três Professoras das Séries Iniciais**. Uberlândia, 2006. Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de Psicologia.

BARROS, M. C. S.; MENEZES, A. M.C. *Escola e Família: Desafios e Harmonia Durante o Período Pandêmico de 2020 no Contexto dos Anos Iniciais*. Id on Line **Revista Multidisciplinar e de Psicologia**. V.14 N. 54 p. 222-232, Fevereiro/2020- ISSN 1981-1179 Edição eletrônica em <http://idonline.emnuvens.com.br/id>

BENEVIDES, P A. M. T. (2001). MBI - Maslach Burnout Inventory e suas adaptações para o Brasil. [Resumo]. **Em Sociedade Brasileira de Psicologia** (Org.), *Resumos de comunicação científica*. XXXII Reunião Anual de Psicologia (p. 84-85). Rio de Janeiro.

BENEVIDES, P. A. M. T. *Considerações sobre a Síndrome de Burnout e seu impacto no ensino*. Bol. Psicologia, São Paulo, v. 62, n. 137, p. 155-168, dez (2012). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S000659432012000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 jan. 2021.

BERNARDO, K. A. S.; MAIA, F. L.; BRIDI, M. A. *As configurações do trabalho remoto da categoria docente no contexto da pandemia covid-19*. **Revista novos rumos sociológicos**. Vol 8. Agosto a Dezembro de 2020.

BRASIL, Ministério da Educação. *Conselho Nacional de Educação*. Orientações Educacionais para a Realização de Aulas e Atividades Pedagógicas Presenciais e Não Presenciais no contexto da Pandemia. Distrito Federal, 2020.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. **O que é burnout?** In: CODO, W. (coord.). Educação: carinho e trabalho. Petrópolis, RJ: Vozes/ Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: Universidade de Brasília. Laboratório de Psicologia do Trabalho, p. 237-254, 1999. Encontrado em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12585155/educacao-carinho-e-trabalhopdf-home>. Acesso: 20/03/2021.

CUNHA, L. F. F; SILVA, A. de S.; SILVA, A. P. *O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação*. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v. 7, n. 3, p. 27-37, ago. 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.se.df.gov.br/index.php/comcenso/article/view/924>. Acesso em: 08 abril. 2021.

DIEHL, L.; CARLOTTO, M. S. *Conhecimento de Professores Sobre a Síndrome de Burnout: Processo, Fatores de Risco e Consequências*. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 19, n. 4 p. 741-752, out./dez. 2014

DESSBESELL, V. H.; FABRICIO, A.; ROTILI, L. B.; GRZYBOVSKI, D. Incidência da Síndrome de Burnout em docentes do ensino Superior no Rio Grande do Sul. Evento: XXII Jornada de Pesquisa. Salão do Conhecimento. Unijui, 2017.

EMANUELLI, G. B. *Atração e refração na educação a distância: constatações sobre o isolacionismo e a evasão do aluno*. Revista GUAL, v. 4, n. 2, p. 205-218, maio-ago. 2011.

DOI:10.5007/1983-4535.2011v4n2p205. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/gual/article/view/1983-4535.2011v4n2p205>. Acesso em: 21 maio 2020.

FERREIRA, L. H.; BARBOSA, A. *Lições de quarentena: limites e possibilidades da atuação docente em época de isolamento social*. **Práxis Educativa**, v. 15, p. 1-24, 2020.

FERREIRA, A. A. E.; SANTOS, D. E.; RIGOLON, R. G. *Avaliação comparativa dos sintomas da síndrome de burnout em professores de escolas públicas e privadas*. **Revista Brasileira de Educação** v. 19 n. 59 out.-dez. 2014

FERREIRA, T. A. L. *A Síndrome de Burnout entre Professores em ajustamento funcional na Escola Pública Estadual Curvelo/Minas Gerais*. ASUNCIÓN, PARAGUAY 2018. Dissertação acadêmica de Maestría en Ciencias de la Educación. Universidad Autónoma de Asunción, Paraguay.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S. M.; ASSUNÇÃO, A. A. *O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde*. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

GATTI, B. A. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, da Associação Brasileira de Política e Administração da Educação. RBPAE - v. 28, n. 1, p. 13-34, jan/abr. 2012

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. - 6. ed. - São Paulo : **Atlas**, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>

GROTT, M. G. *Capacidade para o trabalho e síndrome de Burnout em docentes do Curso de Fisioterapia da Cidade de Londrina-PR*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação (Programa Associado entre Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2013.

HACKENHAAR, A. de S.; GRANDI, D. *Breves reflexões acerca da educação local durante a pandemia*. In: PALÚ, J.; SCHÜTZ, J. A.; MAYER, L. Organizadores. *Desafios da educação em tempos de pandemia* - Cruz Alta: Ilustração, 2020.324 p.

INSTITUTO PENÍNSULA. *Sentimento e percepção dos professores brasileiros nos diferentes estágios do coronavírus no Brasil estágio intermediário*. Relatório de maio de 2020.

MASLACH, C.; JACKSON, S.E., (1981). The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 2, 99-113.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E.; LEITER, M. P. *Maslach Burnout Inventory*. 3.ed. Palo Alto: Consulting Psychologists, 1996.

MARACAJÁ, P. B. *Síndrome de Burnout em Professores*. **REBES - Revista Brasileira de Educação e Saúde**. - ISSN 2358-2391 - (Pombal – PB, Brasil), v. 5, n. 4, p. 01-06, Out-Dez, 2015

MARQUES, R. *O professor em trabalho remoto no contexto da pandemia da Covid-19*. **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)** ano III, vol.6, n.16, Boa Vista, 2021. Encontrado em: <http://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/271/246>. Acessado em 25/05/2021.

MARTINS, R. X. *A covid-19 e o fim da Educação a Distância: um ensaio*. **Revista de Educação a Distância**, v. 7, nº 1, p. 242-256, 2020

MEC.2020. Portaria 343. 17.03.2020. Brasília. Disponível em: Acesso em: 10 maio 2021

MELO, W. F.; REGO, S. M. O.; SALDANHA, H. G. A. C.; FLOR, M. F. P. C. O.;

MENDONÇA, A. C. F.; BEZERRA, J. A. C. *Síndrome de Burnout em Professores do Ensino Superior: Possíveis relações entre a exaustão física e emocional com a atividade da docência*. **Revista PLUS FRJ: Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde da Faculdade Regional Jaguaribana**, p. 35-8, nº 1, ago/2016

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2000.

_____. *Os impactos da pandemia para o trabalhador e suas relações com o trabalho [recurso eletrônico]* / Organizadora, Melissa Machado de Moraes. – Porto Alegre: Artmed, 2020. –(Coleção o trabalho e as medidas de contenção da COVID-19 : contribuições da Psicologia Organizacional e do Trabalho.

ROSA, M. R. *Fatores relacionados a Síndrome de Burnout em professores de Educação física em diferentes momentos da carreira*. 2017. 81f, Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017.

ROSA, R. T. N. *Das aulas presenciais às aulas remotas: as abruptas mudanças impulsionadas na docência pela ação do Coronavírus - o COVID-19!* *Rev. Cient. Schola Colégio Militar de Santa Maria Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil* Volume VI, Número 1, Julho 2020. ISSN 2594-7672

SANTOS, M. R.; MACEDO, G. S.; COELHO, I. L. S. *Ensino Remoto: olhares e perspectivas da atuação docente em meio a pandemia 1*. Conedu - VII Congresso Nacional De Educação - 15 A 18 De Outubro de 2020. Maceio –Al.

SOUZA, K. R. et al. *Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia*. **Revista Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2021, e00309141. DOI: 10.1590/1981-7746-sol00309.

SILVA, C. R. G. *Estresse ocupacional em trabalhadores da enfermagem em um hospital público de Porto Alegre/RS*. Porto Alegre 2010

SILVA, N. R.; SILVA, A. T. B.; LOUREIRO, S. R. *Burnout e depressão em professores do ensino fundamental: um estudo correlacional*. **Revista Brasileira de Educação** v. 23 e 230048. 2018.

SILVA, V.M.S; REINALDO, F.A. PROFESSOR DELIVERY: O trabalho docente no contexto da pandemia. XXII ENGEMA – UFES – ANAIS – Novembro, 2020.

VASCONCELOS, C. R. D.; ARAUJO, J. A. Q. C. *Educação em tempos de pandemia: a prática do ensino remoto na percepção de professores*. Bahia, 2020. - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020).